



Notas sobre a paisagem cultural em Vila de Itaúnas (ES)

Notes of the cultural landscape in Vila de Itaúnas (ES)

Notas del paisaje cultural en la Villa de Itaúnas (ES)

Maísa Fávero Costa

Professora Mestre, FVC, Brasil
maisafavero@gmail.com

Martha Machado Campos

Professora Doutora, UFES, Brasil.
marthamcampos@hotmail.com



RESUMO

Este trabalho considera o debate recente acerca do termo paisagem cultural como conceito e busca sua reverberação quando voltado para a Vila de Itaúnas, situada no litoral norte do estado do Espírito Santo. O lugar é marcado por diversos mitos acerca de sua história. O mais emblemático diz respeito ao soterramento da antiga Vila, que trouxe consigo a base de formação da memória local, marcada por símbolos e significados. O artigo expõe os elementos simbólicos caracterizadores da Vila de Itaúnas, construídos a partir de estudos sobre os significados criados pelos grupos que vivenciam os espaços da Vila, produzindo os lugares simbólicos do local. Para isso, utiliza, como metodologia, pesquisa teórica em fontes diversas, a observação participante evidenciando dinâmicas sociais e econômicas existentes, levantamento de campo in loco e formulação de interpretações, por meio de textos, mapas e esquemas gráficos distintos. Conclui que a localidade de Itaúnas compreende uma pequena vila carregada de simbolismos construídos por seus habitantes, principalmente durante o processo de mudança da antiga ocupação para a Vila atual, e pelos turistas que frequentam o local, em processos e dinâmicas continuadas de construção de lugares simbólicos, que, por sua vez, moldam paisagens também em contínua construção.

PALAVRAS-CHAVE: Paisagem Cultural. Itaúnas/ES. Paisagem.

ABSTRACT

This work considers the recent debate about the term cultural landscape as a concept and seeks its reverberation when facing the Vila de Itaúnas, located on the northern coast of the state of Espírito Santo. The place is marked by several myths about its history. The most emblematic is the burial of the old village, which brought with it the basis for the formation of local memory, marked by symbols and meanings. The article exposes the symbolic elements that characterize the Vila de Itaúnas, built from studies on the meanings created by the groups that experience the spaces of the village, producing the symbolic places of the place. For this, it uses, as methodology, theoretical research in diverse sources, participant observation evidencing existing social and economic dynamics, field survey in loco and formulation of interpretations, through texts, maps and different graphic schemes. It concludes that the locality of Itaúnas comprises a small town loaded with symbolism built by its inhabitants, mainly during the process of change from the old occupation to the present Vila, and by the tourists that frequent the place, in processes and continuous dynamics of construction of symbolic places, which, in turn, shape landscapes also in continuous construction.

KEY WORDS: Cultural Landscape. Itaúnas/ES. Landscape

RESUMEN

Este trabajo considera el debate reciente acerca del término paisaje cultural como concepto y busca su reverberación cuando se dirige hacia la Villa de Itaúnas, situada en el litoral norte del estado de Espírito Santo. El lugar está marcado por diversos mitos acerca de su historia. El más emblemático se refiere al terraplén de la antigua Villa, que trajo consigo la base de formación de la memoria local, marcada por símbolos y significados. El artículo expone los elementos simbólicos caracterizadores de la Vila de Itaúnas, construidos a partir de estudios sobre los significados creados por los grupos que vivencian los espacios de la Villa, produciendo los lugares simbólicos del local. Para ello, utiliza, como metodología, investigación teórica en fuentes diversas, la observación participante evidenciando dinámicas sociales y económicas existentes, levantamiento de campo in loco y formulación de interpretaciones, por medio de textos, mapas y esquemas gráficos distintos. Concluye que la localidade de Itaúnas comprende una pequeña villa cargada de simbolismos construidos por sus habitantes, principalmente durante el proceso de cambio de la antigua ocupación a la Vila actual, y por los turistas que frecuentan el local, en procesos y dinámicas continuadas de construcción de lugares simbólicos, que, a su vez, moldean paisajes también en continua construcción.

PALABRAS CLAVE: Paisaje Cultural. Itaúnas / ES. Paisaje



INTRODUÇÃO

O conceito paisagem cultural atravessa várias disciplinas, sendo discutido no campo da Geografia, da Arquitetura, do Urbanismo, citando alguns, e, em específico, no subcampo do Patrimônio Cultural. Sua abrangência pressupõe abordagem dos bens culturais imateriais e materiais aliados à integração do homem com o território e o meio natural. Este trabalho considera o debate recente acerca do termo paisagem cultural como conceito e, posteriormente, busca sua reverberação quando voltado para a Vila de Itaúnas, situada no litoral norte do estado do Espírito Santo.

Trata-se de um vilarejo de pescadores cuja história recente remete ao soterramento da antiga Vila, aproximadamente na década de 1950, na ocasião da retirada da vegetação natural do local – que protegia a Vila dos ventos e da movimentação de areia – e seu consequente soterramento anos depois.

O objetivo principal deste estudo é levantar questões relativas à preservação e à proteção da paisagem cultural da Vila de Itaúnas, mediante identificação e reconhecimento de seus lugares e itinerários simbólicos. Cabe destacar, no âmbito deste debate, o papel da identidade cultural do lugar, que, mesmo forte, se oculta por trás dos apelos turísticos da natureza e do Forró Pé de Serra. Nota-se, neste sentido, que o incremento do setor econômico do turismo tende levar a paisagem da Vila ao risco constante de transformação predatória e, no limite, de desaparecimento.

Os procedimentos metodológicos incluem pesquisas em documentação de fontes diversas e de observação participante. Essa última se refere a técnica utilizada para pesquisas na qual o observador (pesquisador) se insere no contexto estudado e estabelece uma relação de troca, ampliando a compreensão da cultura ou do grupo observado. Segundo Martins (1996), um dos pressupostos da metodologia de pesquisa de observação participante é de que a convivência do investigador com o grupo e seu cotidiano permite a revelação de atitudes, episódios que, de um ponto de vista exterior poderiam permanecer obscurecidos. Vale lembrar ainda, que o pesquisador inicia o processo com suas próprias interpretações acerca do objeto de estudo, sistematizando-a e reinterpretando-a a partir da convivência e inserção no local e grupo cultural a ser estudado.

Este trabalho expõe também os elementos morfológicos simbólicos caracterizadores da Vila de Itaúnas, construídos a partir de estudos sobre os significados criados pelos grupos que vivenciam os espaços da Vila, produzindo os lugares simbólicos do local. Aponta esses lugares como manifestações espaciais da cultura com significados políticos, religiosos, étnicos, ou associados ao passado, todos impregnados de singularidades simbólicas.

Paisagem cultural: um debate recente

Destaca-se de antemão que há várias abordagens conceituais sobre paisagem cultural. Ribeiro (2007), pesquisador do campo da Geografia, indica como ponto de partida para a análise da paisagem o fato de que essa deve ressaltar as interações existentes entre o homem e o território. Afirma ainda que a riqueza da abordagem da paisagem cultural está em se valorizar a integração existente entre natural, cultural, material e imaterial.



Desde o final do século XIX, o campo disciplinar da Geografia se dedica ao avanço do conceito paisagem cultural, considerando seu interesse pelas relações entre espaço e cultura e seu papel descritivo acerca da diversidade da superfície terrestre. Contudo, a dimensão cultural foi aos poucos conquistando o interesse dos pesquisadores da área. Casado (2010) expõe: “A introdução da cultura na apreensão da paisagem está diretamente relacionada com o enfraquecimento da visão teológica do mundo”. Ainda segundo a autora, o crescimento das ideologias positivistas e humanistas nos séculos XVIII e XIX e a consolidação da visão capitalista também estão relacionados à introdução da cultura nos estudos geográficos.

Afirma-se assim, que a dimensão cultural da sociedade estava presente no discurso da Geografia desde o final do século XIX e início do XX, e “[...] a paisagem cultural centralizava o interesse pela cultura a partir do fato de ela ser entendida como o resultado da ação humana alterando a paisagem natural” (CORRÊA; ROSENDAHL, 2007, p. 10).

É importante assegurar, segundo os autores Wagner e Mikesell (2007), que qualquer presença da ação do homem na paisagem sugere uma cultura, demanda uma história e estabelece uma interpretação ecológica; afinal, a narrativa de qualquer população “[...] evoca a sua fixação numa paisagem, seus problemas ecológicos e concomitantes culturais; e o reconhecimento de uma cultura exige a descoberta de traços que a mesma deixou na superfície terrestre” (WAGNER; MIKESSELL, 2007, p. 50).

A Vila de Itaúnas: breve história e simbolismo do lugar

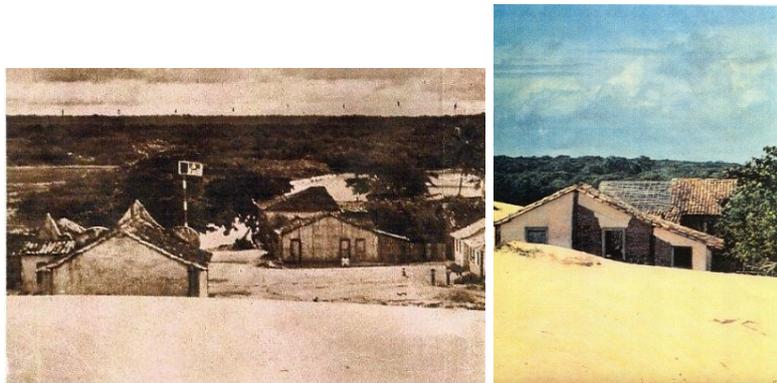
A Vila de Itaúnas está localizada a aproximadamente 270 km da capital do Espírito Santo e é um distrito pertencente ao município de Conceição da Barra (Figura 1). Localiza-se a 25km da sede e “[...] encontra-se entre os limites do Parque Estadual de Itaúnas (PEI) e talhões de eucalipto plantados em larga escala” (MARTINS; MOLINA, 2008, p. 4).

De acordo com Ferreira (2009), a Vila de Itaúnas era um povoado próspero e centro de comercialização da farinha de mandioca – principal produto econômico da região –, produzido de maneira artesanal. Foi a partir de 1940 que mudanças começaram a acontecer, acarretando transformações na configuração espacial, na organização do território, em seu perfil populacional e nos modos de vida da comunidade. Nesse período, a vegetação nativa da Vila antiga começou a ser retirada, dando início ao soterramento gradual das casas. Pouco a pouco, o antigo vilarejo deu lugar às dunas móveis, e a população teve que se estabelecer do outro lado do Rio Itaúnas, levando consigo a configuração espacial da antiga Vila, técnicas construtivas, além da memória dos tempos passados e a esperança de vida melhor.

No local da antiga Vila, formaram-se dunas, característica peculiar da paisagem local e ponto atrativo de turistas. O lugar é marcado por diversos mitos acerca de sua história. O mais emblemático diz respeito ao soterramento da antiga Vila, trazendo consigo a base de formação da memória local marcada por símbolos e significados. Esses mitos estão hoje presentes no cotidiano da população e compõem a história local, além de alimentar a

memória dos moradores. As histórias colaboram para a riqueza da cultura local e compõem a identidade coletiva da população, tornando-se parte do patrimônio cultural imaterial do vilarejo. Em 1970, a antiga Vila estava totalmente soterrada, e a população já se localizava do outro lado do rio, como dito, com uma configuração espacial semelhante à primeira, em uma área cedida pela prefeitura de Conceição da Barra (Figuras 1 e 2).

Figuras 1 e 2: Soterramento da antiga vila.



FONTE: Acervo de Denise Machado

A nova Vila de Itaúnas tem edificações baixas dispostas sobre a malha quadrangular, ruas de terra batida onde a circulação de bicicletas é mais comum do que a de carros – exceto em alta temporada. Circulam nas ruas ônibus da viação Mar Aberto, que faz o trajeto Itaúnas – Conceição da Barra, e caminhões das empresas de eucalipto carregados ou não de toras e de maquinário para o corte. Esses caminhões cruzam a região várias vezes por dia, sem horário delimitado (HACON, 2011 p. 82), impactando muitas vezes as construções e a percepção do espaço.

Ainda é possível identificar em Itaúnas edificações de arquitetura modesta, tais como a Igreja de São Sebastião, localizada no centro da Vila (Figura 3) O traçado urbano obedece à quadrícula, configurando o núcleo central dado pela igreja e seu largo (praça), seguido por quarteirões em escala pequena. Há relatos de que a nova Vila se configurou de forma semelhante à antiga, “[...] com duas ruas principais, uma igreja, uma praça, alguns pontos comerciais, um cemitério e, desta vez, com várias pousadas para atender a demanda de turistas que cresce a cada ano” (SOARES; NACIF; RICCO, 2013).

Figura 3: Igreja de São Sebastião



FORNTE: COSTA, 2015

Semelhante à configuração espacial que se manteve de uma vila para outra, as tradições também continuaram. Entre essas tradições engendram manifestações culturais genuínas e perenes, tais como o Alardo de São Sebastião e o Ticumbi, que se apropriam do espaço da igreja, da praça, do rio, das ruas e outros para sua realização.

Xavier e Bassetti (2014) afirmam que a Vila de Itaúnas mantém um “elo étnico e cultural” com os índios Botocudos e os afrodescendentes. Os primeiros habitavam a região do Rio Doce nos séculos XVI a XIX e viviam da caça, pesca e agricultura. Os outros – um grande número de africanos escravos chegados ao Porto de São Mateus no século XIX –, distribuíam-se pelas comarcas da região. As autoras expõem: “Essa herança híbrida étnico-cultural de índios, negros e brancos aparece em toda a paisagem conivente (uma paisagem de afetividade, carregada de valores e signos) da Vila de Itaúnas” (SOARES; NACIF; RICCO, 2013). Influenciada, então, pela fé no catolicismo – representada pela Igreja Matriz de São Sebastião – misturada à religiosidade afro-brasileira – o Ticumbi –, configura-se a marca de identidade da comunidade que está ligada indissociavelmente ao território.

Segundo Soares, Nacif e Ricco (2013), em Itaúnas são venerados três santos: São Brás, São Benedito e São Sebastião. E mais, se compararmos o número de habitantes com o número de “santos”, podemos entender que o motivo de muitas das lendas que explicam o soterramento envolve castigos e maldições de um ou outro santo. Nos termos dos mesmos autores, cada santo tem sua importância no processo de construção da história e da memória local. São Brás, por exemplo, um santo negro, era padroeiro da antiga Vila na época colonial. São Benedito, também um santo negro, era venerado por escravos da época da antiga ocupação. São Sebastião, um santo branco, foi levado à Vila, na década de 1960, por um padre, que tinha preferências por santos brancos. Aliado a isso, na mesma época, acontecia na Igreja Católica um processo movido pelo Concílio Vaticano II, cujo objetivo era diminuir o número de imagens de santos dentro das Igrejas. Assim, São Brás foi substituído por São Sebastião, e São Benedito

saiu da nave da igreja principal para ocupar um lugar na sacristia (SOARES; NACIF; RICCO, 2013).

Depois de tantas mudanças, São Sebastião permaneceu como padroeiro de Itaúnas, cuja imagem está instalada na igreja da Praça Central. A São Benedito, que também é querido pelos moradores, destinaram uma capela em uma das ruas próximas à praça. Na foto abaixo, já na Vila atual, observa-se a capela feita em sua homenagem. Essa edificação passa despercebida nos dias de hoje por se encontrar entre bares. É destacada apenas nos dias da festa em homenagem ao Santo (Figura 4).

Figura 4: Igreja de São Benedito



FONTE: COSTA, 2016

Xavier e Bassetti (2014) caracterizam a paisagem da praça central como “paisagem conivente”, dito de outro modo, como uma paisagem cheia de valores simbólicos e de afetividade (Figuras 5, 6 e 7). As autoras afirmam ainda que essa paisagem nem sempre é notada à primeira vista; é necessário demorar um pouco no local para que se entenda e perceba (XAVIER; BASSETTI, 2014). É o que acontece em toda a Vila: é necessário que a pessoa se demore, diminua o ritmo para que nenhum detalhe passe despercebido.

Figuras 5 e 6: Praça central



FONTE: COSTA, 2016



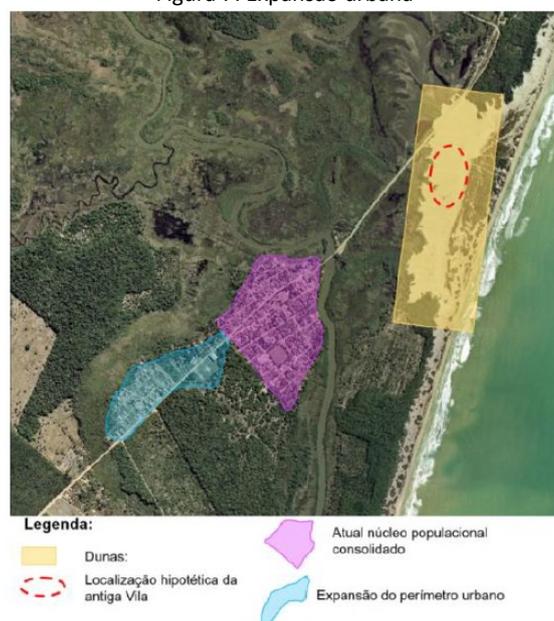
Observa-se em Itaúnas uma “[...] dimensão simbólica e material destes territórios habitados tradicionalmente por grupos que utilizam a natureza para se reproduzir social e culturalmente” (HACON, 2011). A perda dos espaços simbólicos da Vila para monoculturas, para a criação de Unidades de Conservação e para o turismo insustentável pode levar à perda do simbolismo, proporcionar perdas culturais e inviabilizar a vida da comunidade nos modos que ainda resistem.

Com a efetivação de Itaúnas como destino turístico nacional, chegaram também investidores imobiliários que, visando ao lucro, começaram a construir pousadas e estabelecimentos comerciais de modo indistinto no espaço da Vila. Outro ponto de mudança territorial também influenciado pelo turismo, foi a valorização da região central pela especulação imobiliária, o que levou muitos moradores a venderem suas casas para transformá-las em restaurantes, lojas ou pousadas, e a se estabelecerem em outros locais, geralmente mais afastados do centro. Nesse contexto, representado na figura 7, os moradores se deslocaram para a parte mais afastada da Vila, expandindo o perímetro urbano para a Rodovia ES-010 (via que liga a Vila de Itaúnas à sede de Conceição da Barra).

Um dos problemas no longo prazo é a pressão que a faixa urbana pode fazer sobre áreas de preservação do Parque Estadual de Itaúnas¹ ou até mesmo sobre propriedades particulares limítrofes. Portanto, a nova dinâmica oferecida pelo turismo, juntamente com as trocas culturais que resultam desse processo, trouxeram mudanças no cotidiano dos moradores, nas relações econômicas, nas relações com o espaço vivido, agora analisado com base na lógica do turismo e do capital, entre outros aspectos (RICCO; ETCHEBÉHÈRE JÚNIOR, 2007).

¹ “O Parque Estadual (PE) é uma categoria de Unidade de Conservação (UC) de Proteção Integral que se destaca pela grande beleza cênica e relevância ecológica. Os parques são criados com a finalidade de preservar a fauna e flora nativas, os recursos hídricos, as formações geológicas, os valores culturais, históricos e arqueológicos, além de promover estudos e pesquisas científicas, educação, interpretação ambiental e turismo ecológico”. Em Itaúnas, as atrações do Parque são as dunas, praias e trilhas. FONTE: Governo do Estado do Espírito Santo.

Figura 7: Expansão urbana



FONTE: Geobases modificado pela autora, 2015

Cabe afirmar que o turismo influencia no ritmo de vida da população da Vila, mas ele também instabiliza a sociedade do ponto de vista da geração de renda, já que, na alta temporada, a economia gira em função dele, e, na baixa temporada, os moradores voltam às suas funções cotidianas (pesca, coleta de mariscos, artesanato, construção civil local, colheita de café e mandioca, entre outras). “Os recursos financeiros obtidos na alta temporada são, para muitos, responsáveis pelo sustento o restante do ano” (HACON, 2011, p. 85).

Além de melhorias econômicas, o turismo oferece uma mudança nos modos de vida da população, na configuração espacial, nas áreas de preservação ambiental, que sofrem pressão por parte da ocupação, impactando positiva e negativamente a comunidade.

Identidade e paisagem: lugares, itinerários e elementos simbólicos da Vila de Itaúnas

Reconhecer os elementos simbólicos importantes para a identidade cultural de cada lugar é essencial para a leitura e percepção da paisagem local e também para que a comunidade se reconheça nesse lugar dando continuidade das dinâmicas sociais existentes e, consequentemente, preservando a sua história.

Para isso, serão apontados os elementos simbólicos caracterizadores do ambiente da Vila de Itaúnas, construídos a partir de estudos sobre os significados criados pelos grupos que vivenciam os espaços da Vila, produzindo os lugares simbólicos do local. Esses lugares são assinalados como manifestações espaciais da cultura, com significados políticos, religiosos, étnicos ou associados ao passado, todos impregnados de singularidades simbólicas.



Além dos lugares simbólicos, identificaram-se também os itinerários simbólicos, as apropriações espaciais e os caminhos percorridos desde a época da antiga Vila até hoje que dão sentido ao cotidiano, às festas e aos eventos temporários que se apropriam dos espaços da igreja, da praça, do rio e das ruas locais para sua realização.

Neste estudo, as manifestações culturais são divididas em festas populares e festas religiosas, manifestações importantes para a apreensão do espaço e das suas dinâmicas sociais. Como última camada de identificação, os elementos morfológicos simbólicos do espaço consistem na identificação e no reconhecimento das características urbanísticas da Vila. Citamos, por exemplo, o traçado, a rua, o padrão construtivo e a importância da vegetação.

Portanto, além de a Vila de Itaúnas constituir um lugar simbólico em si mesmo, é possível identificar outros lugares simbólicos na escala das ruas, praças, praias, dunas, rio, entre outros, tal como se observa no mapa a seguir.

Vale lembrar que as categorias apontadas neste trabalho se sobrepõem e estão intrinsecamente ligadas entre si e ao território, não sendo possível sua divisão e tratamento separados. Por exemplo, o mesmo bar que recebe turistas na alta temporada e na semana do Festival Nacional de Forró participa da Festa de São Sebastião e São Benedito como ponto de parada na procissão.

O que norteia a separação metodológica acima apresentada é o reconhecimento de que a dimensão simbólica do lugar está contida na inter-relação entre cultura material, imaterial e natural.

Os lugares simbólicos são manifestações espaciais da cultura, têm significado político, religioso, étnico ou associado ao passado. E ainda, essas características os tornam cheios de singularidade simbólica. Os exemplos de lugares simbólicos inseridos no espaço urbano podem passar pelo bairro, pelas praças e ruas ou pelos prédios. Segundo Boyer (1994), citado por Corrêa (2012), esses lugares podem ser considerados lugares vernaculares ou retóricos, distinguidos por práticas simbólicas populares e oficiais. Ainda para o autor, os lugares retóricos são lugares onde os eventos são celebrados, e a população é a audiência do espetáculo. Já os lugares vernaculares são lugares públicos, cheios de tradições populares locais, marcados por uma conexão identitária (BOYER, 1994, apud CORRÊA, 2012). Portanto, os lugares retóricos não têm conexão identitária; a população está presente apenas para assistir ao espetáculo.

Com base nas categorias propostas por Boyer, observa-se que Itaúnas compreende em si mesma – ou seja, a Vila propriamente dita como um distrito –, um lugar simbólico vernacular, onde a tradição está presente durante todo o ano, associada às práticas sociais da população no cotidiano, suscitando forte conexão identitária, percebida tanto por moradores quanto por turistas.

Os próprios moradores constroem o sentido simbólico dos lugares, assim como as pessoas externas também podem realizar tal tarefa. Desse modo, Corrêa (2012) afirma que os lugares simbólicos são resultado de um processo de criação (interno ou externo) “[...] para o qual há



varias tensões que envolvem diferentes agentes sociais, criadores e usuários de significados” (CORRÊA, 2012, p. 140). A forte identidade cultural existente em Itaúnas não impede a sua abertura para elementos externos, possibilitando mudanças, mesmo que sutis.

Ao abordar os itinerários simbólicos, Corrêa (2012) cita Geertz (1989), que afirma que os membros de uma determinada cultura e seus modos de reprodução “[...] são vistos em intenso processo de comunicação” (GEERTZ, 1989, apud CORRÊA, 2012). Assim, os meios pelos quais essas relações de diálogo entre a população e o território são realizadas representam os itinerários simbólicos que se constituem de partes da espacialidade do homem associados a práticas cheias de simbolismo (CORRÊA, 2012).

Nessa perspectiva, itinerários simbólicos de distintas ordens são identificados e caracterizados em Itaúnas, a saber: as trilhas dos antigos moradores da vila anterior, preservadas até hoje pelo PEI, a procissão de São Sebastião e de São Benedito e o trajeto da Fincada do Mastro de São Sebastião.

O PEI tem cinco trilhas diferentes disponíveis para diversas atividades, como educação ambiental, ecoturismo e pesquisa. São locais que passam por toda a biodiversidade do PEI: alagados, restinga aberta, restinga arbórea, dunas, entre outros. Algumas dessas trilhas são antigos trajetos que os moradores/pescadores percorriam, a exemplo da Trilha do Pescador, que ainda hoje é utilizada por pescadores para acesso à Praia da Pedra Grande, onde se encontra um abrigo dos barcos de madeira de pesca marinha. Outro exemplo é a Trilha Beira Rio, palmilhada por nativos da região, que passa por restinga arbórea, mangue, rio e pelas ruínas do antigo porto de atracação de toras, utilizado no início do século XX para escoamento da madeira explorada na região.

Além das trilhas expostas acima, é possível ainda observar as ruínas da antiga igreja em determinado local nas dunas. A igreja representa mais um lugar simbólico que tem ligação com a antiga Vila. Esses dois elementos (trilhas e ruínas) constituem o símbolo do passado de uma vila e de um modo de vida que hoje não existem mais, mas ainda estão presentes no imaginário e na memória da população, principalmente a mais antiga.

Os exemplos de itinerários expostos representam uma recordação do passado e reafirmam a memória dos moradores. Há ainda os itinerários que acontecem durante a Festa de São Sebastião e São Benedito, aproximadamente nos dias 19 e 20 de janeiro. A data, antes fixa, hoje acompanha o calendário turístico, acontecendo no fim de semana mais próximo dos dias citados. No ano de 2017, a festa aconteceu nos dias 20, 21 e 22, sexta, sábado e domingo, respectivamente. Neste momento, reafirma-se o caráter da festa como itinerário simbólico.

A festa dos santos Sebastião e Benedito é um acontecimento que transforma a Vila em um lugar ainda mais pleno de cores e simbolismos. A chegada do Grupo de Ticumbi pelo Rio Itaúnas, em barcos enfeitados com flores de papel crepom e fitas coloridas, marca o início da festa. O Grupo de Ticumbi traz também a imagem dos santos homenageados, que seguem em procissão até a igreja e capela. Esse itinerário simbólico tem o Rio de Itaúnas como suporte. O

Grupo Ticumbi de Itaúnas sai do Sítio do Rives e percorre o Rio até chegar à ponte, no centro da Vila.

No fim da tarde do primeiro dia, acontece a Fincada do Mastro de São Sebastião (Figura 8) na praça em frente à igreja. Esse acontecimento começa com um Grupo de Reis de Boi cantando e tocando pandeiros na capela de São Benedito. No primeiro momento, o Grupo reverencia o santo; após uns 10 minutos, tempo necessário para os turistas e moradores chegarem a fim de acompanhar o trajeto, o Grupo sai em busca do Mastro, que já está pintado com as cores azul, branca e vermelha, e se encontra em uma espécie de praça, às margens do Rio, próxima à ponte.

Figura 8: Fincada do Mastro de São Sebastião



FONTE: COSTA, 2017

Após a Fincada do Mastro, acontece a missa em homenagem a São Sebastião que é interrompida no Ato Penitencial (momento litúrgico importante em que acontece o perdão) para realização da procissão como forma de penitência. A procissão (Figura 9) acontece nas ruas laterais da igreja (Rua Durmeval Leite da Silva e Avenida Bento Daher) e compreende cinco paradas reflexivas, algumas em casas de família e outras, em bares e restaurantes. Em cada parada, tal como dito, o padre faz uma reflexão. A imagem de São Sebastião é carregada pelos fiéis, que se revezam para assumi-la, ao som do pandeiro e de cantos de ladainhas e músicas de São Sebastião.

Figura 9: Procissão de São Sebastião



FONTE: COSTA, 2017

No dia seguinte, logo pela manhã, acontece a chegada do Grupo Ticumbi do Bongado, também pelo Rio Itaúnas. A seguir, é celebrada na capela uma missa em homenagem a São Benedito. Nessa ocasião, a imagem de São Sebastião é retirada da igreja e levada à capela, e participa de todos os eventos ao lado da imagem de São Benedito. Ao final da tarde, há uma procissão (figura 10) com grupos de Congo cantando músicas e hinos de São Benedito ao som do pandeiro.

A procissão é acompanhada por fiéis e turistas. Um detalhe interessante é a presença da imagem de São Sebastião durante o percurso, que é o mesmo da procissão dos dois santos, à exceção das paradas para reflexão. O cortejo de São Benedito é mais rápido e menos introspectivo.

Figura 10: Procissão de São Benedito



FONTE: COSTA, 2017

Durante a festa, pode-se perceber que a religiosidade se confunde entre os santos e os grupos. Não há uma divisão perceptível na “a comunidade, dona da festa”, e sim uma ajuda e devoção mútua entre os devotos de São Benedito – antigo santo padroeiro da Vila – e de São Sebastião, atual padroeiro. Há também uma sincronia velada entre o sagrado e o profano, uma vez que



se veem os brincantes de Congo e os carregadores do Mastro bebendo cervejas antes das apresentações e atividades religiosas.

Sobre as manifestações culturais, divididas em populares e religiosas, Maia (1999), aponta que as festas populares são manifestações culturais que se caracterizam por serem eventos efêmeros e transitórios, podendo durar algumas horas, dias ou semanas e até meses. Assim sendo, o Festival Nacional de Forró de Itaúnas (FENFIT), que acontece sempre no mês de julho, pode ser considerado como uma festa popular da Vila, conforme apresentado a seguir.

A palavra “forró” pode designar uma festa, um local ou um gênero musical. Segundo Celinga (2012), a palavra forró apresenta duas versões no sentido etimológico. Uma versão vem da expressão “for all”, que significa para todos, em inglês, ou da expressão “forrobodó”, que se refere a uma festa comum, sem etiqueta, no Nordeste. Contudo, encara-se forró como uma festa onde se canta, se dança e há diversão de maneira lúdica.

Identificamos, portanto, o Forró Pé de Serra como festa popular, e o FENFIT – Festival Nacional de Forró de Itaúnas – como evento principal, que acontece no mês de julho e outros eventos relacionados em feriados, com destaque para o ano novo. Vale lembrar que o forró acontece desde a época da Vila antiga, e se transformou, ao longo dos anos, no atual forró universitário. Apesar de o forró ser o elemento mais associado ao lugar, projetando a Vila de Itaúnas nacionalmente, é importante destacar as demais manifestações culturais que existem e já coexistiam na época dos bailes de sanfona. Aponta-se a seguir, as manifestações culturais religiosas.

Anterior à difusão do turismo, advinda do denominado Forró Pé de Serra, a Vila de Itaúnas caracterizava-se por suas manifestações culturais mais genuínas, como dito, a exemplo do Alardo de São Sebastião e do Ticumbi. Ambos são eventos temporários que se apropriam dos espaços da igreja, da praça, do rio, entre outros da Vila, para realização durante o mês de janeiro.

A sincronia religiosa existente acontece com a influência do catolicismo (representada pela Igreja Matriz de São Sebastião) misturado com a religiosidade afro-brasileira (representada pelo Ticumbi), configurando-se na marca de identidade da comunidade ligada indissociavelmente ao território (XAVIER; BASSETTI, 2014).

Afirma-se, então, que a fé católica é representada, na Vila, pela Igreja Matriz e pelo Mastro de São Sebastião, localizados um defronte ao outro, compondo o local da praça como ponto de devoção e encontro, acolhendo em seu espaço crianças que brincam, pescadores que arrumam suas redes, uma feira livre modesta, que acontece durante as sextas-feiras, e a comunidade, que se encontra ao sair das missas e celebrações.

A mesma praça é ainda palco do Alardo de São Sebastião, do Ticumbi, dos grupos de Jongo e Reis de Boi, que se apresentam durante dias de festa religiosa, além de ser local de passagem e permanência tanto de moradores como de turistas. A praça central contém outro símbolo forte, o tronco de pequi-vinagreiro que, segundo Xavier e Bassetti (2014), é um geossímbolo da Vila que “[...] lembra também um espaço tempo” (XAVIER; BASSETTI, 2014, p. 64).



As atividades culturais, sobretudo as religiosas, imprimem transformações no espaço intensamente pautadas nas feições culturais da comunidade, portanto, o espaço pode ser percebido de acordo com os valores simbólicos representados (ROSENDAHL, 1999). Assim, identifica-se na estrutura urbana da Vila de Itaúnas uma série de elementos morfológicos que ampliam o caráter simbólico da Vila e podem, desse modo, ser caracterizados como elementos simbólicos do espaço urbano.

Os lugares, itinerários e elementos simbólicos identificados são ainda recursos catalisadores de uma atmosfera tranquila e agradável percebida por moradores ou turistas que vivenciam o lugar, o que transforma Itaúnas em uma vila ambiental e culturalmente singular, e, por que não, inesquecível, cabendo, portanto, ao Estado e à sociedade, de modo geral, a sua efetiva proteção e preservação.

Considerações finais

A história da Vila de Itaúnas deixa clara a incorporação das manifestações – religiosas e populares – e do cotidiano da população ao patrimônio cultural local. Além de estarem presentes nas dinâmicas existentes, na memória dos moradores, também se representam na configuração espacial do território, base do conceito paisagem cultural.

As várias reinvenções que aconteceram em Itaúnas – mudança de vila e de vida, roteiro turístico, preservação natural, manifestações culturais que permanecem fortes até hoje, inserção e modificação do forró – fazem com que o local seja, ao mesmo tempo, carregado de simbolismo e tradição e anseie por mudanças e modernização. Essas reinvenções são importantes para que a comunidade continue se reconhecendo no lugar, porém requer também o reconhecimento dos recursos naturais, patrimoniais, econômicos e culturais importantes para os moradores, possibilitando a preservação aliada à geração de renda da comunidade. Desse modo, o crescimento e a reinvenção acontecerão de forma que uma não anule a outra.

O tema paisagem cultural oferece novas possibilidades para o campo de pesquisas sobre o patrimônio cultural, pois combina elementos materiais e imateriais, indicando as interações entre o homem e o meio natural, até então pensados separadamente. Portanto, a introdução do conceito paisagem cultural abre uma perspectiva contemporânea para se pensarem de forma mais integrada ideias tradicionais do campo da preservação. A ausência de proteção de bens patrimoniais de valor material e imaterial da Vila de Itaúnas no contexto municipal e estadual leva ao questionamento sobre o descaso dos órgãos públicos para com o patrimônio cultural local. Além disso, propõe-se a manutenção da escala da vila, com seus gabaritos baixos, uso do solo diversificado, ruas largas e sem calçamento. Esses elementos são importantes para a manutenção da paisagem, portanto merecem ser valorizados como elementos patrimoniais para apreensão e conservação da paisagem cultural local. Com isso, a



autoestima do morador é potencializada e o local transforma-se em atração de novos olhares através de um processo participativo.

A peculiaridade do local estudado deixa clara a contribuição da pesquisa para o fomento da discussão ainda recente sobre paisagem cultural e sobre a possibilidade de preservação do lugar aliada ao seu desenvolvimento social e econômico sustentável. Pode-se concluir, que este trabalho indica o potencial e as possibilidades de estudos futuros sobre o tema paisagem cultural e sobre distintos lugares, a exemplo da Vila de Itaúnas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CASADO, Tatiana Caniçali. **Cidade-paisagem: novas perspectivas sobre a preservação da paisagem urbana no Brasil**. 2010. 146 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2010.
- CELINGA, Fernanda. **Fronteiras entre as dunas: compreendendo a cultura lúdica na Vila de Itaúnas (ES)**. 2012. 172 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Centro de Educação Física e Desportos, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2012
- CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Org.). **Introdução à geografia cultural**. Rio de Janeiro: Bertrand, 2007.
- CORRÊA, Roberto Lobato. **Espaço e simbolismo**. In: CASTRO, Iná Elias; GOMES, Paulo Cesar da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato (Org.). **Olhares geográficos: modos de ver e viver o espaço**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.
- FERREIRA, Simone Raquel Batista. **“Donos do lugar”: a territorialidade quilombola do Sapê do Norte-ES**. 2009. 522 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2009
- HACON, Vanessa. **Para além das dunas: conflitos ambientais relacionados ao Parque Estadual de Itaúnas (ES)**. 2011. 229 f. Dissertação (Mestrado em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011
- MARTINS, Julia Salvador; MOLINA, Silvia Maria Guerra. **Turismo e a emergência de novas territorialidades: o caso de Itaúnas-ES**. Revista Iluminuras – Publicação Eletrônica do Banco de Imagens e Efeitos Visuais..., v. 9, n. 22, 2008.
- RIBEIRO, Rafael Winter. **Paisagem cultural e patrimônio**. Brasília: IPHAN, 2007.
- SOARES, Camila Santos Almeida; NACIF, Manuella Fonseca; RICCO, Adriana Sartório. **Mitos da memória popular: o soterramento da Vila de Itaúnas na visão dos moradores**. Destarte, Vitória, v. 3, n. 2, p. 36-58, out. 2013.
- WAGNER, Philip L.; MIKESELL, Marvin W. **Os temas da geografia cultural**. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Org.). **Introdução à geografia cultural**. Rio de Janeiro: Bertrand, 2007.
- XAVIER, Maria A. de Sá; BASSETTI, Telma Bittencourt. **Turismo como aporte ao avanço do capital na Vila de Itaúnas-Es e a cultura como expressão de resistência**. GEOGRAFARES, Vitória, ago./dez. 2014.